VII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO
A inovação e o desafio do projeto na sociedade: A qualidade como alvo
Londrina, 17 a 19 de Novembro de 2021

AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO COMO DIAGNÓSTICO VISANDO REQUALIFICAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS[1]

POST-OCCUPATION EVALUATION AS A DIAGNOSIS AIMING REQUALIFICATION OF A LONG STAY INSTITUTION FOR THE ELDERLY

SANTO, Amabeli Dell (1); QUEIROZ, Bárbara Terra (2); CARVALHO, Fellipe Bittencourt (3); SIMÕES, Renata Mattos (4)

(1) Instituto Federal do Espírito Santo, amabeli.dellsanto@ifes.edu.br

(2) Instituto Federal do Espírito Santo, bterra.queiroz@gmail.com

(3) Instituto Federal do Espírito Santo, arq.fellipebittencourt@gmail.com

(4) Instituto Federal do Espírito Santo, renatamattos@ifes.edu.br

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma ação de extensão universitária de um Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) que visa a elaboração de um projeto arquitetônico para requalificação do espaço físico de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Pretende-se apresentar o planejamento desta ação e seus primeiros resultados. A pesquisa se encontra nas etapas iniciais, pois precisou ser suspensa temporariamente em função da pandemia. Os métodos utilizados para o levantamento de dados foram o walkthrough exploratório e diários de campo. Os resultados indicaram a inadequação do local em relação à acessibilidade, conforto antropodinâmico, privacidade e carência de espaços de interação social. Os diários de campo evidenciaram a sensibilização dos alunos em relação aos residentes. A ação se coloca como muito relevante aos moradores, idosos debilitados e com problemas de saúde, e que irão usufruir de um espaço com mais qualidade. Espera-se com essa ação proporcionar melhorias na qualidade de vida desta população vulnerável e ampliar o sentimento de valorização e pertencimento dos usuários.

Palavras-chave: *Pertencimento, Instituição de Longa Permanência para Idosos, Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo.*

ABSTRACT

This work is part of a university extension action of a Model Office of Architecture and Urbanism which aims to prepare an architectural project for the requalification of the physical space of a Long Stay Institution for the Elderly. It is intended to present the planning of this action and its first results. The research is in its initial stages, as it had to be temporarily suspended due to the pandemic. The methods used for data collection were exploratory

[1] SANTO, Amabeli Dell; QUEIROZ, Bárbara Terra; CARVALHO, Fellipe Bittencourt; SIMÕES, Renata Mattos. Avaliação Pós-Ocupação como diagnóstico visando requalificação de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO, 7., 2021, Londrina. **Anais**... Londrina: PPU/UEL/UEM, 2021. p. 1-10. DOI https://doi.org/10.29327/sbqp2021.438011

walkthrough and field diaries. The results indicated the inadequacy of the place in relation to accessibility, anthropodynamic comfort, privacy and lack of spaces for social interaction. The field diaries showed students' awareness of residents. The action is very relevant to residents, frail elderly and with health problems, and who will enjoy a space with more quality. This action is expected to provide an improvement in the quality of life of this vulnerable population and increase the users' sense of valuing and belonging.

***Keywords**: Belonging. Long-Term Institution for the Elderly. Model Office of Architecture and Urbanism.*

1 INTRODUÇÃO

Com os avanços da ciência e da medicina, o número de idosos vem crescendo no Brasil. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) mostram que 13% da população brasileira é idosa, e estima-se que em 2047 esse índice possa chegar a 25%.

O crescente número de idosos no Brasil implica no aumento do número de idosos vivendo em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). De acordo com a Folha de São Paulo (2018), com dados do Ministério de Desenvolvimento Social, de 2012 a 2017 houve um aumento de 33% no número de idosos institucionalizados.

Se de um lado, o envelhecimento leva a perdas em aspectos físicos e mentais para o idoso, o fato de morar em uma ILPI pode representar uma ruptura dos laços familiares tendo forte consequências psicológicas. As ILPIs, são mantidas, em grande parte, por filantropia e podem não oferecer uma infraestrutura preparada para receber a demanda de idosos, uma vez que, muitos apresentam fragilidades físicas e emocionais.

Nesse contexto, esse trabalho faz parte de uma ação de extensão universitária de um Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) que visa como produto final a elaboração de um projeto arquitetônico para a requalificação do espaço físico de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Para tanto, essa primeira parte objetiva apresentar o planejamento desta ação e seus primeiros resultados. A metodologia se utiliza de instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação para diagnóstico do espaço. Os instrumentos aplicados até o momento foram o *walkthrough* exploratório e diários de campo. Os resultados indicaram a inadequação do local em relação à acessibilidade, conforto antropodinâmico, privacidade e carência de espaços de interação social.

Em complemento, para garantir um espaço mais agradável para os idosos, pauta-se na Psicologia Ambiental, área que estuda a relação pessoa/ambiente, e coloca a pessoa como centro desta análise, considerando as dimensões culturais e sociais (MOSER, 2018).

A implementação desse projeto de requalificação da ILPI pode impactar de maneira efetiva na saúde física, mental e no bem-estar dos idosos que residem na instituição, influenciando no sentimento de pertencimento. Além disso, o estudo poderá gerar dados que auxiliem no projeto de outras instituições, visto que a demanda por novas ILPIs está crescendo no Brasil.

No aspecto acadêmico, esta ação impacta na formação dos alunos, proporcionando vivências significativas, fato evidenciado nos diários de campo. Extrapola o contexto da sala de aula, além de integrar ensino e pesquisa.

2 METODOLOGIA

O conteúdo abordado nesse artigo faz parte de uma ação de extensão universitária do EMAU ASAS do Ifes *Campus* Colatina, o qual possui como objeto de estudo uma ILPI, e que tem como objetivo a elaboração de um projeto de requalificação para o espaço existente.

Para o desenvolvimento da metodologia buscou-se uma integração com os conteúdos e atividades articuladas entre duas disciplinas optativas do curso de Arquitetura e Urbanismo - Avaliação Pós-Ocupação de Edifícios e Psicologia Ambiental -, a qual auxiliou na etapa de diagnóstico do espaço.

O percurso metodológico desenvolvido para a ação (Figura 1) contempla as etapas de aproximação e diagnóstico, realizadas por meio de oficinas e APO, seguidas pela elaboração da proposta de intervenção, com a apresentação do projeto arquitetônico e discussão das propostas junto à comunidade da ILPI. Serão realizados ajustes no projeto, caso necessário, e será desenvolvido o projeto executivo. Pretende-se ainda elaborar uma planilha para levantamento de custos e, a partir desses resultados, buscar parcerias visando a execução da obra.

Figura 1 – Percurso metodológico da ação de extensão



Fonte: Os autores

A APO será utilizada a fim de entender o espaço e sua ocupação, e, a partir das informações levantadas, auxiliar na elaboração do projeto arquitetônico. Trata-se de um processo interativo, que se dá através da aplicação de diversos instrumentos, para avaliar um ambiente construído depois de um tempo de sua construção. Visa-se assim, analisar a adequabilidade do espaço através da percepção e uso das pessoas com o ambiente em que estão inseridos (RHEINGANTZ et al, 2009). Serão utilizados, ainda, instrumentos a partir do ponto de vista do especialista (inventário ambiental, *check list*, *as built*), observação do comportamento (mapa comportamental) e outros sob o ponto de vista do usuário (poema dos desejos, mapa cognitivo, entrevista estruturada).

Cabe salientar que os resultados apresentados neste artigo contemplam os dados obtidos com o *walkthrough* e o diário de campo, porém, fazem parte de um trabalho maior que se encontra em andamento, e o conteúdo apresentado é apenas um recorte com a finalidade de contextualizar e discutir a qualidade dos espaços destinados aos idosos e da ILPI investigada. Participaram desta etapa 26 alunos (matriculados nas disciplinas e inscritos na ação de extensão) e 03

professores orientadores.

O *walkthrough* é um instrumento para coleta de dados iniciais, de caráter exploratório (ONO *et al*, 2018) a fim de realizar um reconhecimento do espaço, identificando os principais problemas. A partir desse instrumento é possível propor melhorias para os espaços, assim como selecionar métodos mais adequados para o levantamento das demais informações desejadas, sendo a aplicação de dois ou mais métodos o recomendado para a confiabilidade dos resultados (GÜNTHER et al., 2011). O instrumento foi aplicado por todo o grupo de alunos simultaneamente. Os resultados foram formatados inicialmente em duplas de alunos gerando um total de 13 relatórios, com registros fotográficos e anotações quanto aos aspectos construtivos e funcionais observados durante a visita. Ao fim os dados foram analisados e condensados.

O diário de campo é uma ferramenta para o registro de informações caracterizado como um material individual e pessoal do pesquisador. Podem ser anotadas observações capazes de auxiliar ou influenciar no estudo, tais como: experiências pessoais, descrições do espaço, acontecimentos, fatos concretos, descobertas, relações existentes, reflexões e comentários. A técnica auxilia no processo de observar com atenção, descrever o conteúdo com exatidão e conseguir refletir sobre o contexto vivenciado no momento (FALKEMBACH, 1987). O instrumento foi aplicado juntamente com o *walkthrough,* em que 22 alunos anotaram suas percepções individuais durante a visita, ao fim os diários foram compilados, analisados e destacados os depoimentos mais representativos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A revisão de literatura investigou o universo da ILPI e a perspectiva do idoso nesse contexto, ou seja, entender como essas instituições funcionam, suas regras, formas de interação entre os residentes e com o espaço, e a questão da 'institucionalização'. Buscou-se entender as interações pessoa-ambiente considerando o idoso institucionalizado e aprofundamento nos conceitos apropriação e pertencimento.

3.1 O idoso e a instituição como moradia

Os significados atribuídos aos lugares, relacionam-se ao tipo de atividade realizada e às relações sócio-culturais ali estabelecidas. Na medida em que um espaço é habitado, sua estrutura 'molda' as relações ali existentes (FISCHER, 1994). Assim, diferentes formas de organização espacial podem oferecer suporte para as diferentes formas de organização social, comunicando aos seus usuários mensagens diretas ou simbólicas, quanto à intenção e valores predominantes naquele espaço (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2011).

A partir do exposto, para entender a 'institucionalização', é preciso entender o conceito desse espaço, com a ótica da Psicologia Ambiental. Segundo Fischer (1994), esses espaços são lugares independentes do mundo exterior, com delimitações e controle bem definidos. Esse isolamento é uma forma de adequar o indivíduo ao ambiente, homogeneizando os residentes e inibindo o processo de apropriação.

Cabe ressaltar que, quando ocorre um asilamento, é como se houvesse uma ruptura com o passado. Os idosos são apegados às antigas memórias, que ajudaram a formar seu valores, as quais geralmente estão ligados à antiga

residência (CHAUDHRY; ROWLES, 2005, apud MACHADO, 2018, p. 22)

Dentro do processo de institucionalização, estão algumas pessoas que não consentiram com isso, causando uma resistência ainda maior com o local, dificultando a apropriação. Afinal, será construído uma nova história em um novo ambiente, porém a sensação de abandono permeia muitos idosos (EVANGELISTA et al, 2014).

Em muitos casos, a sociedade e os idosos possuem um sentimento negativo acerca do asilamento. Muitas ILPIs existentes não possuem uma estrutura física acolhedora para receber estas pessoas, o que pode dificultar o desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao lugar.

3.2 Apropriação e pertencimento

Base dos conceitos de apropriação e pertencimento, a seguir abordados, a Psicologia Ambiental estuda as inter-relações da pessoa com o ambiente em seus aspectos físicos e sociais, por meio da análise das percepções, cognições, representações e comportamentos em relação ao contexto no qual ela interage (MOSER, 2018).

Nesse sentido, o apego ao lugar abrange a pessoa, o ambiente e as relações que ali ocorrem. Desenvolver apego e identificar-se com um local é um processo longo e gradual (GIULIANI; FERRARA; BARABOTTI, 2000, apud ELALI; MEDEIROS, 2011). Elali e Medeiros (2011), a partir de diversos autores, destacam as dimensões: simbólica, funcional e relacional.

A dimensão simbólica se relaciona à percepção individual e influencia o modo como cada indivíduo reage frente às diversas situações em que se encontre (ELALI, MEDEIROS, 2011). Considerando as análises a respeito da dimensão funcional, para a ILPI em estudo, cabem observações no local em relação à mobilidade, acessibilidade arquitetônica e desenho universal. Já a dimensão relacional equivale à interação com as características do lugar e o envolvimento social com o mesmo. Essa relação contribui para a criação da identidade pessoal e comunitária de um indivíduo (HUMMON, 1992 apud ELALI; MEDEIROS, 2011).

Assim, o sentimento de comunidade se inicia quando a pessoa se percebe pertencente a um grupo, e a um lugar específico, compreendendo que existe uma relação entre ambos (ELALI; MEDEIROS, 2011, p. 55). É necessário investigar se os idosos internados na instituição analisada possuem esse sentimento de comunidade, se eles possuem a ligação de um grupo.

O processo de apropriação pode se viabilizar através do olhar, arranjo, delimitação e exploração. Pelo olhar é uma forma mínima, relacionada a satisfação estética. O arranjo do espaço pode induzir a apropriação quando reflete a identidade da pessoa. Por fim, a possibilidade de explorar e manipular o espaço, marcando o seu território (MOSER, 2018).

Nesse contexto, destaca-se a personalização do espaço, pois reflete a identidade de uma pessoa, define seu território e fortalece o sentimento de pertencimento. Personalizar o ambiente está ligado ao sentimento de bem-estar. Restrições de controle do espaço, como ocorrem em espaços institucionais, podem causar o adoecimento do indivíduo (FELIPPE, 2009).

Assim, a apropriação possui função de ancoragem, relacionada ao enraizamento e a afetividade com o local (MOSER, 2018). Alguns lugares podem favorecer ou

desfavorecer essa sensação. Podendo ocorrer não identificação com o local, gerando sentimento de não integração (FISCHER, 1994). Quando se faz a análise de outros trabalhos com essa temática, pode-se notar falta de enraizamento e apego ao lugar que os internos possuem com essas instituições, seja por um conceito cultural já criado sobre esses lugares, ou pela falta de controle do seu ambiente.

Portanto, propor melhorias que potencializam as possibilidades de apropriação, a personalização, o acolhimento e a autonomia dos idosos, pode gerar uma sensação de satisfação com o ambiente, fazendo com que os mesmos se apropriem do espaço e se sintam mais pertencentes ao mesmo.

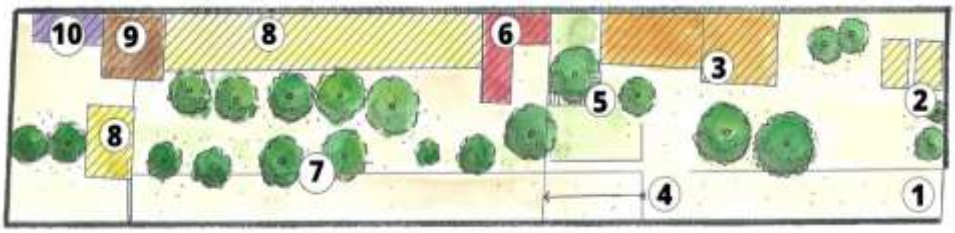
4 RESULTADOS

O projeto de extensão encontra-se nas etapas iniciais, os resultados aqui apresentados se referem ao *walkthought* exploratório e aos diários de campo produzidos pelos alunos. Após o desenvolvimento dessa etapa o acesso ao local precisou ser tempariamente suspenso em função da pandemia do Covid-19, uma vez que a instituição atende indivíduos inseridos no grupo de risco.

4.1 *Walkthrough* exploratório

O terreno da ILPI possui um relevo acidentado, apresentando dois níveis distintos, a parte térrea, por onde é feito o acesso à instituição, e a parte superior, a aproximadamente 5 metros acima do térreo. A Figura 2 apresenta uma setorização esquemática da implantação da instituição.

Figura 2 – Croqui com a implantação da ILPI



LEGENDA: 1) Entrada; 2) Dormitório (Chalés); 3) Administração; 4) Rampa; 5) Escada; 6) Cozinha e refeitório; 7) Pátio descoberto; 8) Dormitórios e banheiro; 9) Pátio coberto; 10) Lavanderia

Fonte: Acervo EMAU ASAS

No nível térreo, estão inseridos dois chalés para idosos mais independentes e a administração do asilo. Em uma primeira impressão, o lugar aparenta ter um descaso, uma vez que apresenta muita vegetação rasteira, potencial para proliferação de insetos, tornando arriscado transitar pelo ambiente (Figura 3).

O acesso para a parte superior pode ocorrer de duas maneiras: a partir de uma escada com muitos lances, ou, através de uma rampa de veículos, ambas sem atenderem às especificações exigidas pela NBR 9050, que se refere à acessibilidade, como inclinações inadequadas e ausência de corrimãos. A dificuldade de acesso a esse nível mais elevado gera muitas preocupações, visto que o público do asilo é composto por idosos, muitos com limitações de mobilidade (Figura 3).

Figura 3 – Parte térrea da instituição



Da esquerda para direita: chalés, administração, rampa e escada

Fonte: Acervo EMAU ASAS

Na parte superior, o pátio descoberto é amplo, com árvores frutíferas, porém com pouco mobiliário, sendo bancos de concreto dispostos de maneira aleatória, sem promover a integração, evidenciando a sensação de isolamento no local. Possui pavimentação irregular e drenagem pluvial ineficaz dificultando a mobilidade (Figura 4).

Figura 4 – Pátio descoberto, banheiro e quarto



Fonte: Acervo EMAU ASAS

A instituição possui 11 quartos, divididos por gênero, exceto pelo caso específico de um casal, cadeirante, que compartilha do mesmo quarto. Os dormitórios das senhoras possuem bonecas penduradas na porta, como meio de identificação. No geral, são cerca de 3 ou 4 camas por quarto, todas nomeadas. Apresentam cores pouco saturadas, alguns com infiltração nas paredes e com janelas orientadas no sentido do sol da tarde. São pouco ventilados e possuem cheiro forte, devido ao fato de que alguns idosos não possuem independência para ir ao banheiro e utilizam fralda geriátrica. Também foi percebida a ausência de armários individuais, que poderiam fazer com que cada um tivesse o controle de seus objetos pessoais.

Os banheiros são de uso coletivo e são acessados pela varanda. O *layout* não favorece a privacidade, com chuveiros sem divisórias à frente das bacias sanitárias. Além disso, a abertura de ventilação e iluminação aparentemente não é suficiente para que o espaço seja eficientemente claro, dando a sensação de insalubridade.

O refeitório é amplo, mas pouco iluminado e ventilado, com paredes e teto

desgastados e há presença de infiltrações, além do excessivo número de teias de aranha. Apresenta *layout* com mesas fixas ao chão em granito, que transmitem rigidez e frieza, e com cadeiras que não favorecem aspectos ergonômicos. Esse espaço também é usado como área social, contém uma TV, porém nenhum outro mobiliário de suporte (Figura 5).

Assim, a instituição não possui espaços sociais adequados para acolhimento aos idosos e, nesse sentido, é utilizado um pátio coberto que fica ligado à varanda dos quartos, ambiente que também é utilizado para pendurar roupas, guardar materiais e para realizar velórios (Figura 5).

Figura 5 – Refeitório e pátio coberto



Da esquerda para direita: refeitório, espaço de tv junto ao refeitório, pátio coberto

Fonte: Acervo EMAU ASAS

Notou-se que a instituição necessita de reformas para melhorar a infraestrutura existente, a ventilação e iluminação dos ambientes, a adequação às legislações e às normas de acessibilidade e mudanças no *layout* para incentivar o convívio em grupo. O local transmite uma sensação de carência emocional e os idosos que socializaram com os alunos evidenciaram descontentamento com o espaço, reforçando a importância de uma readequação que considere os conceitos de apropriação e pertencimento.

4.2 Diário de campo

Ao longo do reconhecimento espacial os alunos foram fazendo anotações individuais sobre os espaços e suas percepções. Muitos ao longo do percurso interagiram com alguns residentes, por meio de conversas informais. Vários moradores se sentiram à vontade para contar algumas de suas experiências de vida, o que ajudou a compreender a visão e expectativas sobre o local. Os diários de campo mostraram forte carga emocional, as histórias ouvidas e as condições de vida sensibilizaram os pesquisadores (Quadro 1).

Quadro 1 – Relatos obtidos em alguns Diários de Campo

"Perto dos quartos ouço uma senhora dizer: 'Queria estar na minha casa' e um pensamento me vêm à mente: O que fazer para ela se sentir em casa? Como seria minha resposta diante de uma fala tão poderosa e silenciadora? Não soube responder."
"Ao final da visita guiada, fiquei observando atenta ao meu redor: as pessoas pareciam tristes algumas tentavam se livrar da tristeza como podiam, outros aceitavam, talvez?"
"Os idosos estão sentados com expressões indiferentes. Me sinto meio mal, parece que eles são algum tipo de bicho e que estamos observando-os."
"Okay, agora estou muito mal. É claro que ninguém gostaria de morar aqui. Não vejo nenhum sinal de felicidade nos rostos que avisto. Quantas histórias têm essas pessoas guardadas? Aposto que muitas, mas não acho que são contadas."
"Fui embora com o coração entristecido, e com o sentimento de querer fazer algo por todos que moravam naquele ambiente. De buscar a diferença."
"Nesse momento, olhando o cenário como um todo eu paro para pensar em algo mais pessoal e anoto, quase que involuntariamente: Nunca deixarei mãinha em um local como este."
"A verdade é que alguns idosos nem gostariam de estar ali, eu não desejaria um local daqueles para minhas avós. Eu me senti mal por todos eles."
"Outra questão que me perturbou a todo momento durante a visita foi a questão da família simplesmente os abandonarem ali e nem se quer mais procurar informações deles, se eles estão bem e como está a saúde."
"Conversando com alguns idosos e todos falam que não queria estar lá, um até falou que queria morrer logo, para sair daquele local, fiquei bem tocada com essa visita, porque fiquei imaginando os meus avôs naquele local."

Fonte: Acervo EMAU ASAS

Reitera-se que a percepção transcende aos aspectos construtivos e funcionais, desenvolvendo empatia em relação aos usuários, e, vinculando ainda a questões como pertencimento e apropriação, trabalhados na disciplina de Psicologia Ambiental.

5 CONCLUSÕES

No *walktrought* exploratório foi possível identificar a inadequação do espaço relacionada a aspectos de acessibilidade, conforto antropodinâmico, privacidade, espaço pessoal e carência de espaços de interação social. Reiterando a necessidade de readequação do espaço considerando o referencial já mencionado.

Os diários de campo evidenciaram a sensibilização dos alunos, assim como o anseio e a preocupação em tornar o local em um gerador de bem-estar, baseando-se em

melhorias provenientes dos estudos de apropriação e pertencimento.

A atuação do EMAU ASAS nesse projeto firmou um compromisso com a comunidade residente e proporcionou aos alunos experiência significativa e aproximação com o público alvo, entendendo a percepção da arquitetura vivenciada como parte do processo de aprendizado e amadurecimento.

REFERÊNCIAS

CAMPOS-DE-CARVALHO. Arranjo espacial. *In:* CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 6, p. 70 - 82.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó de. Apego ao lugar. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org) **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011, cap. 4, p. 53-62.

EVANGELISTA, Renata. et al. Percepções e vivências dos idosos residentes de uma instituição asilar. **Revista da escola de enfermagem da USP**. São Paulo, p. 85-91. jul. 2014.

FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e educação**. Ijuí, vol. 2, n. 7, p. 19-24, jul./set., 1987.

FELIPPE, Maíra L. Ambiente Pessoal: o papel da personalização na construção de espaços saudáveis. *In:* KUHNEN, Ariane; CRUZ, Roberto M., TAKASE, Emílio (org). **Interações pessoa-ambiente e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. cap. 6, p. 117-136.

FISCHER, Gustave. **Psicologia Social do Ambiente.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: **Grupo Folha,** 2018. Diário. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/07/total-de-idosos-que-vivem-em-abrigos-publicos-sobe-33-em-cinco-anos.shtml. Acesso em: 01 fev. 2020.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. Multimétodos. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, cap. 20, p. 239-249.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Idosos indicam caminhos para uma idade melhor.** 2019.

MACHADO, Carolina Costa. **Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de longa permanência para idosos na cidade de Pelotas/RS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MOSER, Gabriel. **Introdução à Psicologia Ambiental**: pessoa e ambiente. Tradução de Luis Guerreiro Pinto Cacais. Campinas: Editora Alínea, 2018.

ONO, R.; VILLA, S. B.; ABATE, T. P. BARBOSA, M. B. P. FRANÇA, A. J. G. L.; ORNSTEIN, S. W. Métodos qualitativos para aferição da percepção dos usuários. *In*: ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi. (org.). **Avaliação Pós-ocupação**: da teoria à prática. São Paulo: Oficina de textos, 2018. cap. 6. p. 121-134.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso, AZEVEDO, Giselle Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCÂNTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2009 118p.

VILLA, S. B.; ONO, R.; FRANÇA, A. J. G. L.; ORNSTEIN, S. W. Procedimentos Metodológicos. *In*: ONO, R.; ORNSTEIN, S. W.; VILLA, S. B.; FRANÇA, A. J. G. L. (org.). **Avaliação Pós-ocupação**: da teoria à prática. São Paulo: Oficina de textos, 2018. cap. 4. p. 81-94.